



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

**Processos Folkcomunicacionais nas Comunidades Quilombolas de Oriximiná,  
Pará: Da Oralidade à Internet<sup>1</sup>**

Ana Caroline Albuquerque SOARES<sup>2</sup>

Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Parintins - AM

## **Resumo**

O presente trabalho apresenta considerações primárias a respeito dos processos folkcomunicacionais nas Comunidades Quilombolas de Oriximiná, município que representa um marco na luta e resistência quilombola, visto que foi onde ocorreu a primeira titulação coletiva de terra de quilombos (1995). Foi possível, por meio de pesquisa bibliográfica e direcionado pela Teoria da Folkcomunicação, se perceber que nessas comunidades o processo folkcomunicacional se caracteriza como popular, pois os saberes, os fazeres, os modos, as manifestações religiosas e culturais são repassadas pelos membros mais antigos, de geração a geração, por meio da oralidade. Contudo, com o passar do tempo, para que os quilombolas de Oriximiná pudessem dar visibilidade às lutas territoriais e resistência cultural, os líderes *folk* se apropriaram de novas tecnologias, para que seu discurso de enfrentamento fosse notado e compreendido por mais pessoas.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Comunidades; Quilombolas; Oralidade; Internet.

## **1 Introdução**

A comunicação desempenha um papel central na construção sociocultural de qualquer grupo social. No mundo globalizado em que se vive atualmente, a comunicação se revela como primordial para que os mais diversos grupos conquistem seus espaços simbólicos e suas lutas ganhem visibilidade. No caso da Comunidades Quilombolas do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Cultura, Meio Ambiente e Ancestralidade da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA- UFAM, email: acaroline\_soares@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA-UFAM, email: allan30@gmail.com



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

município de Oriximiná/PA, a comunicação torna-se uma estratégia relevante de resistência, tanto no cenário político, econômico, cultural ou social. Beltrão (2004, p. 27) afirma que a “Comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea - sociedade composta de uma imensa variedade de grupos, que vivem separados uns dos outros pela heterogeneidade de cultura, diferença de origens étnicas e pela própria distância social e espacial”.

Oriximiná representa um marco na luta e resistência quilombola, visto que foi nesse município que ocorreu a primeira titulação coletiva de terra de quilombos (1995), em cumprimento ao que determina a Constituição Federativa de 1988. A luta dos quilombolas, em Oriximiná, pela regularização do seu território começou antes do reconhecimento desse direito, quando líderes começaram a se organizar e receber orientações de instituições parceiras para defesa de seu território. Em 1989, grupos de lideranças, formados em parceria com a Igreja Católica e a CPI -SP, se mobilizaram e viajaram até Brasília para apresentar suas reivindicações e fazer pressão junto aos órgãos responsáveis.

Em novembro de 1995 foi concedida a titulação coletiva para a Terra Quilombola da Boa Vista, nos anos seguintes foram tituladas outras quatro comunidades: Terra Quilombola Água Fria (1996), Terra Quilombola Trombetas (1997), Terra Quilombola Erepecuru (1998/2000) e Terra Quilombola Alto Trombetas (2003). Sendo que esta última, foi titulada parcialmente, ou seja, ainda está em trâmite o processo de regularização. Desde então, nenhuma outra comunidade recebeu título definitivo de suas terras, sendo que além do território do Alto Trombetas, as comunidades do Alto Trombetas 2, Jamari/Último Quilombo, Moura, Ariramba, e Cachoeira Porteira também estão com processo em andamento.

A comunicação nessas comunidades se caracteriza como popular, pois os saberes, os fazeres, os modos, as manifestações religiosas e culturais são repassadas pelos membros mais antigos, de geração a geração, por meio da oralidade. Com o passar do tempo, para que esse grupo tivesse representatividade e voz ativa junto a outros órgãos e instituições, fundou-se a Associação dos Remanescentes de Quilombolas de Oriximiná – ARQMO. Com a evolução da tecnologia e o acesso de líderes comunitários a esses meios



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

tecnológicos, assessorados pela Companhia Pró-Índio, de São Paulo, a ARQMO criou seu próprio *site*, onde conta a trajetória dos quilombolas de Oriximiná e seu processo de resistência e luta em defesa de seus territórios.

O objetivo deste artigo é descrever o processo folkcomunicação que as comunidades quilombolas de Oriximiná passaram até se apropriar das mídias digitais, como um canal comunicativo para dar visibilidade a sua luta. O trabalho se apoia na Teoria da Folkcomunicação e pretende, baseado em pesquisa bibliográfica, traçar um percurso comunicacional desde a utilização da Oralidade, por seus agentes de folk, até a criação do *site* da associação. A teoria folkcomunicação dedica-se aos aspectos que escapam dos grandes meios midiáticos, ou seja, está voltada às formas culturais com pouca visibilidade (que não são pauta) nos sistemas hegemônicos de comunicação, mas que fazem parte do ambiente simbólico e cotidiano das populações marginalizadas.

### **2 Processos Folkcomunicação nas Comunidades Quilombolas de Oriximiná: Da Oralidade à Internet**

A teoria folkcomunicação busca compreender os processos comunicacionais que ocorrem nas manifestações de cultura popular, isto é, as manifestações que ocorrem no interior das comunidades e que estão interligados com a cultura popular. Beltrão (2004, p. 47) orienta que a Folkcomunicação se dedica a estudar aspectos do dia a dia de grupos marginalizados que inventam seus próprios meios para transmitir seus conhecimentos e fazeres, ou seja, tal teoria estuda o “processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa”.

A partir dos pressupostos de Beltrão se entende que a Folkcomunicação busca “dar vez e voz” as vivências e lutas das minorias (marginalizados), não que estes grupos não tenham voz ativa, pelo contrário, são donos de seus discursos, mas suas falas não chegam aos veículos de comunicação, não têm espaços nos meios midiáticos. Pizarro (2012, p. 258-9), destaca que é importante ouvir os discursos produzidos pelas comunidades tradicionais, pois “no interior da Amazônia, o discurso teórico não tem a palavra, que está com seus habitantes, os quais enfrentam os problemas em seu dia a dia, os amazônidas que dão a conhecer os discursos de suas vidas. Os intelectuais [...] também



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

o fazem, porém raramente saem [sã]o da região. [...] Estudar os discursos dessa região é conhecer as tensões”.

Ainda sobre a teoria folkcomunicação, Hohlfeldt (2002) esclarece que “é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos”.

Hohlfeldt (2002) chama atenção para a complexidade e particularidade que envolve a Folkcomunicação, contudo não se pode entender tal teoria como um tratado sobre folclore e cultura popular, visto que esta diz respeito aos fenômenos comunicativos que esses conceitos estão ligados. Assim, se pode dizer que a Folkcomunicação possibilita às minorias, por meio de uma comunicação acessível, a apropriação de conhecimentos e informações sobre as relações sociais e de poder da sociedade, e de certo modo, desempenha um papel relevante no processo de inclusão e resistência social.

Seguindo o pensamento de Beltrão (1980), os públicos usuários do sistema folkcomunicação são chamados de marginalizados e se dividem em: urbanos marginalizados, rurais marginalizados e os culturalmente marginalizados. Esses grupos, constituídos de sujeitos que adotam posturas contra hegemônicas, são entendidos como marginalizados por não se sentirem pertencentes a ordem social vigente e por estarem fora do circuito dos *mass media* tradicionais. Os indivíduos considerados do grupo culturalmente marginalizado, podem conseqüentemente estar inserido no grupo urbano ou rural.

No caso das Comunidades Quilombolas de Oriximiná, objeto de estudo neste trabalho, pode se dizer, a partir das considerações de Beltrão (1980), que são comunidades rurais e culturalmente marginalizadas. As comunidades quilombolas existentes em Oriximiná, segundo Andrade (2011), são descendentes dos escravos, que no século XIX, fugiam das propriedades e fazendas de Belém, Santarém, Alenquer e Óbidos. Esses quilombolas encontravam na floresta refúgio e liberdade para construir uma nova vida. Atualmente, em Oriximiná, os quilombolas estão distribuídos em 35 comunidades nas



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

margens dos Rios Trombetas, Erepecuru, Acapu e Cuminã. São aproximadamente 1200 famílias que vivem em nove territórios étnicos.

Segundo Corrêa (2016), os quilombolas desenvolveram um modo de vida peculiar, onde com a produção familiar e comunitária, com condições de trabalho e subsistência baseados no extrativismo vegetal, na pesca, na caça, no cultivo de roças e nas trocas comerciais de produtos da floresta. A organização do trabalho familiar, os instrumentos, o espaço e o tempo voltados para as atividades agroextrativistas, eram implementadas pelo próprio grupo, com conhecimentos adquiridos na relação com a natureza e com a *troca de saberes com culturas indígenas*. (ACEVEDO; CASTRO, 1998)

Na perspectiva da Folkcomunicação, o processo comunicacional se dá de forma cíclica, onde tanto emissor quanto receptor participam ativamente do fluxo comunicativo. No caso dos quilombolas de Oriximiná, pode se dizer que esse processo se caracteriza como popular, pois os saberes, fazeres, os modos, a cultura, é repassada, de geração a geração, com exatidão pelos membros mais antigos da comunidade, por meio da tradição oral. Há, nessas comunidades, diversas expressões da cultura popular que são consideradas como significativos elementos folkcomunicacionais, especialmente, as interações socioculturais, como por exemplo, as relações entre a comunidade e os líderes, a transmissão da história, dos saberes culturais para permanência e continuidade, as festividades religiosas e profanas, as danças, as músicas, o uso dos meios tecnológicos como canal de resistência e luta, dentre outros.

Beltrão (1980, p. 115) pontua que “a Folkcomunicação utiliza, preferencialmente os canais interpessoais diretos: as conversas, os relatos, pregações, canção popular e outras representações do folclore”. De certo modo, as pontuações do teórico fazem sentido no que diz respeito às Comunidades Quilombolas de Oriximiná, principalmente com relação a história de formação das comunidades, a qual é pautada nas memórias dos mais velhos e repassada pelos relatos e conversações, como é possível perceber na narrativa<sup>4</sup> da quilombola da comunidade do Jamari/ Último Quilombo,

---

<sup>4</sup>Relatório antropológico que compõe o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) de comunidades remanescentes de quilombo para regularização fundiária do INCRA. (NETO, 2014)



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

A minha bisavó fugiu da escravidão, [...] ela veio para cá para esse rio fugida, para esse rio que não tinha um vivente. O pai dela foi tirar um luar para morar aí no fim das cachoeiras. Quando eles iam fazer compra na cidade, eles iam todos escondidos. Andavam de noite, com medo dos brancos pegarem eles. Andavam de noite; de dia eles estavam escondidos na beirada. Assim a mina avó contava, porque eu mesma não conto; já conto o que ela contava [...]. (Nasezenha de Andrade, outubro/2012)

É possível perceber que a oralidade e a memória servem de base para a compreensão da origem e formação dessas comunidades. A Folkcomunicação está presente em todo esse processo comunicacional onde os mais velhos transmitem os saberes históricos e culturais às comunidades quilombolas, pois para Beltrão (1980, p. 28), a Folkcomunicação é “por natureza e por estrutura, um processo artesanal e horizontal, já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência”.

É possível observar nos relatos orais dos quilombolas uma linguagem peculiar e acessível aos outros comunitários, fato que torna o processo comunicativo relevante para a compreensão do passado e do presente das Comunidades Quilombolas de Oriximiná. Na narrativa de José dos Santos, 72 anos, quilombola da comunidade de Boa Vista, se observa certa semelhança, no conteúdo e no modo de narrar os acontecimentos, com o relato mencionado anteriormente.

[...] meu avós num eram daqui. [...] Eles dizem que vieram daí, do rumo da África. Eles vieram curridos do tempo da escravidão. Vieram para as fazendas de Santarém, de Santarém se espalharam, uns foi pra Alenquer, outro veio pra cá pro Trombetas. Teve quilombo que foi pra Porteira [...], e assim, eles foram se espalhando, e o meu ficou avô puraqui por Boa Vista. (Entrevista concedida a Archanjo, em 16/11/2013)



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

As expressões materiais e imateriais, a ancestralidade, a memória e todos os elementos culturais que estão, de algum modo, presentes no processo comunicativo observado nos relatos dos quilombolas de Oriximiná, interessam à Folkcomunicação, visto que são, aquilo que Cascudo chamou de *motivos folkcomunicacionais*, rastros do folclore e das manifestações populares. Cascudo (2012) valoriza a oralidade, a comunicação, a memória e pondera que, “todos os países do mundo, raças, grupos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais”.

Além de elemento que interessa à Folkcomunicação, é a comunicação que valoriza a voz dos comunitários, as interpretações, os conflitos, as versões, as redes e tramas, as conversações, é a comunicação que gera o sentimento de pertença a comunidade. De certa forma, é por meio desses processo comunicativos que os líderes são eleitos/identificados, de forma espontânea, pelas comunidades. Beltrão se refere a esses líderes como: comunicadores *folk*, agente *folk*, *folkcomunicador*.

O comunicador de *folk* tem em sua personalidade característica dos líderes de opinião identificada (e nele, talvez, ainda mais aguçada) que nos seus colegas de comunicação: 1) prestígio na comunidade, independentemente da posição social ou situação econômica, graças ao nível de conhecimentos que possui sobre determinados temas e à aguda percepção de seus reflexos na vida e costumes de sua gente 2) exposição às mensagens do sistema de comunicação[...] mas submetendo os conteúdos ao crivo de ideias, princípios e normas do seu grupo; 3) frequente contato com fontes externas autorizadas de informação, com as quais discute ou complementa as informações recolhidas[...]. (BELTRÃO, 2001, p. 173)



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Nas Comunidades Quilombolas de Oriximiná se pode identificar vários agentes *folk*, visto que cada comunidade nomeia espontaneamente suas lideranças. Sobre esses líderes quilombolas Archanjo (2015, p. 58) destaca alguns nomes relevantes nas lutas dessas comunidades, como: “o Sr. Antônio Carlos Printes, [...] um dos mais conhecidos líderes quilombola do Trombetas, juntamente com outros [...] como Daniel Souza, Rafael Viana, Zuleide dos Santos, José dos Santos, [*Silvio Rocha*]” e outros.

Mas até que nós conseguimos né, por meio de muita briga, entrar na justiça, provar porquê a Alcoa tinha feito o projeto dela né, o relatório dos impactos ambientais e quando chegou na mão da gente, que a gente viu, a gente foi ver que não tinha nada pra gente, até os empregos era tudo pra gente quem vinha de fora, pessoal da região [Alto Trombetas] ia chupar o dedo. Então, quando a gente pegou esse documento e mostrou pro pessoal de todas as comunidades como era o projeto, que era aquilo, aí todo mundo se organizou e aí a gente falou por uma boca só, uma linguagem só, ninguém aceita desse jeito. (*Silvio Rocha*, coordenador da comunidade de Boa Vista – entrevista concedida a Archanjo, em 29/10/2013)

A narrativa de *Silvio Rocha* trata de uma situação em que umas das comunidades quilombolas rejeita um projeto de uma empresa para a instalação de uma hidrelétrica na área. No relato é possível perceber, com base em *Beltrão* (1980), que esses agentes comunicadores de *folk*, ao contrário das autoridades políticas, econômicas ou líderes de opinião, nem sempre são reconhecidos pela sociedade a sua volta, mas estes tem um papel relevante e adotam uma postura de liderança na localidade em que operam/atuam. Nesse caso, se faz interessante observar o relato de outra liderança quilombola:

O pessoal viero aí, a gente fez um ensaio[...] e que quando eles chegaro aí, [...] aí a gente preparo pela uma boca só, que a





## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

gente não queria terra individual e sim uma terra coletiva. Aí veio o INCRA de Santarém e aí disse que o trabalho deles [não] era pra vim terra coletiva, só individual. Aí só a Mineração ia decidir isso aí. Eles [MRN] chamaram uma reunião, mas lá só cabia seis pessoas, aí nós se organizamos e levamos doze [...] Aí a gente falou, eles falava. Aí eu perguntei pra ele [o representante da MRN] porque todo aqueles ano a gente aqui, nunca a Mineração tinha se preocupado por nós como ela tava se preocupando depois da gente fazer um pico comunitário. Aí ele ficou calado, ele disse e, tanto faz, a Mineração tá aqui pra ajudar vocês, tanto faz ser no coletivo como no individual, só que vai custar mais porque o coletivo [...] vai mexer com o INCRA de Brasília e ai ser mais demorado. Passe até cem anos mas nós queremos de Brasília [...] nós temo querendo um título coletivo. (Zuleide Viana, comunidade Boa Vista, entrevista concedida a Archanjo em 29/10/2013)

A partir das narrativas, é perceptível o poder de convencimento e a credibilidade que estes comunicadores *folk* detêm junto aos comunitários, além de terem conhecimentos sobre a história de luta de seu povo e posicionamentos políticos sólidos, estes colocam suas habilidades de expressar suas ideias e opiniões a serviço do bem comum do local. Nesse sentido, Beltrão (1980, p. 3) ressalta que “a ascensão a liderança está intimamente ligada à credibilidade que o agente-comunicador adquire no seu ambiente e à sua habilidade de codificar a mensagem ao nível de entendimento de sua audiência”.

Essas lideranças quilombolas (*folkcomunicadores*), conforme Beltrão (1980), são uma espécie de tradutores de discursos, que conseguem emitir mensagens aos comunitários com argumentos e palavras acessíveis, que sensibilizam sua audiência. Um exemplo disso é quando reúnem com as comunidades, após voltarem de um evento que envolve suas temáticas de luta, e estes conseguem transmitir as informações de maneira acessível ao seu grupo.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Com o passar do tempo e com a evolução dos processos comunicacionais, esses agentes de *folk*, junto com os demais moradores, das Comunidades Quilombolas de Oriximiná se organizaram e criaram uma associação com representantes (comunicadores *folk*) de várias comunidades, chamada de Associação dos Remanescentes de Quilombo do Município de Oriximiná – ARQMO. Essa associação foi criada a partir da necessidade de visibilidade e representatividade dos quilombolas, junto as esferas federal, estadual e municipal, pelo direito a titulação dos seus territórios e pela reprodução de sua cultura.

Archanjo (2015, p. 81) assinala que com a ARQMO, “homens e mulheres criam novos espaços para se fazer política, lutando pelo direito à cidadania, por décadas negado. Neste sentido, constituindo-se enquanto atores de seu processo social, são sujeitos de transformações políticas e sociais, construtores de sua própria história”. Esses novos espaços criados pelos agentes *folk*, que Archanjo (2015) menciona, são processos folkcomunicaçãois, são manifestações de opiniões e ideias desse grupo, que não tem acesso aos *mass media*, mas busca meios de tornar suas lutas visíveis e legitimar seus direitos.

Nesse sentido, Sader (1988, p. 55) considera a ARQMO, como sujeito histórico, como “coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender interesses e expressar suas vontades”. Sobre a ARQMO, um dos seus fundadores, Carlos Printes, conta:

Então, é em oitenta e nove, [...] que foi fundada a associação, nós fomos em Brasília pra pedir o apoio lá pra titular nossas áreas das comunidades e nós tivemos lá pelo Congresso, tivemos pelo Senado, tivemos lá pela CNBB, que foi também o padre Patrício, o padre José e a Lúcia Andrade que é da Comissão Pró-Índio de São Paulo<sup>5</sup>. (Carlos Printes, entrevista concedida a Archanjo em 23/10/2013)

---

<sup>5</sup> A Comissão Pró-Índio de São Paulo é uma organização não governamental fundada em 1978 que atua junto com índios e quilombolas para garantir seus direitos territoriais, culturais e políticos, procurando contribuir com o fortalecimento da democracia, o reconhecimento dos direitos das minorias étnicas e o combate à discriminação racial. (CPI/SP – 2011)



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

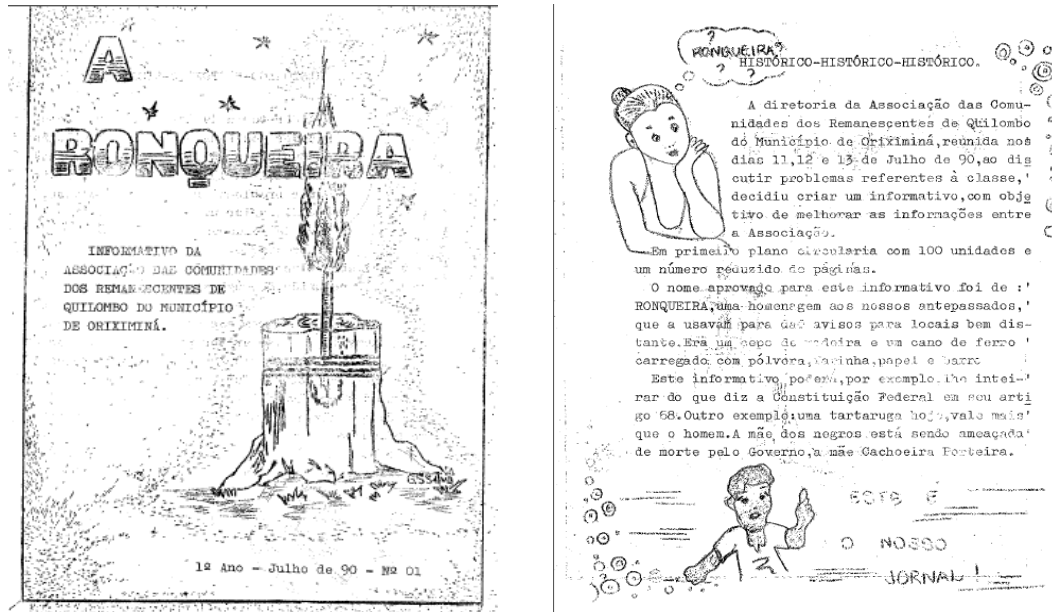
Para Andrade (2013), integrante da CPI-SP, a criação da ARQMO foi motivada pela necessidade de se fazer valer o direito à propriedade da terra, assegurado pela Constituição Federal de 1988. Inicialmente, a ARQMO foi assessorada por membros da Igreja Católica, da Paróquia de Santo Antônio de Oriximiná, pelo Centro de Estudos e Defesa dos Negros do Pará (CEDENPA), e posteriormente, pela Comissão Pró-Índio de São Paulo, parceria que ainda permanece.

De certo modo, em contato com essas parcerias e “sob a pressão da vida social o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo”, e de alguma forma, foi isso que aconteceu nas Comunidade Quilombolas de Oriximiná, os líderes *folk*, adaptaram seus modos de comunicar ou se apropriaram de informações, novas práticas, novos meios, para tornar eficiente e produtiva a comunicação do grupo. (CARNEIRO apud BELTRÃO, 2001, p. 78)

Entre as várias estratégias e mecanismos comunicativos adotados pela ARQMO, podemos exemplificar, a realização de encontros e debates, músicas, poesias, danças, festas, manifestações públicas, a criação de informativo e, mais recente, do *site* da ARQMO. Todos esses processos folkcomunicacionais se encaixam em um dos *gêneros folkcomunicacionais* categorizados por Melo (2008). Essa categorização corresponde aos seguintes gêneros: *oral*; abrangendo prosa, versos, canções, músicas; *icônico*: com pinturas, ex-votos, objetos utilitários, culinária, vestimentas; *visual* com escritos, impressos, murais; e *cinética* com festas, danças, jogos. Neste trabalho, não abordaremos todas as manifestações folkcomunicacionais mencionadas acima, apenas um informativo e o *site*. O informativo “A Ronqueira”, conforme a categorização folkcomunicacional de Melo (2008) se encaixa no *gênero visual*.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018



Print Screen 1ª edição do informativo “A Ronqueira” (Capa e 1ª primeira página) Disponível em <[www.quilombo.org.br](http://www.quilombo.org.br)>

Em 1990, a ARQMO lançou o informativo “A Ronqueira”, que circulou até 1991. Com 10 páginas e uma tiragem de 100 exemplares por edição, a publicação circulava semestralmente na cidade de Oriximiná e nas comunidades quilombolas. O boletim se tornou uma voz da Associação, por meio do qual se narrava a história dos antepassados e se fazia denúncias sobre racismo, sobre temas ambientais e outros, mas também se noticiava assuntos relacionados a Associação, como a escolha da diretoria da ARQMO, a participação dos líderes e coordenadores em eventos, o andamento dos processos de titulação dos territórios e outros.

O boletim, elaborado coletivamente pelos membros da ARQMO, não circulava com anúncios comerciais, nomes de políticos ou pessoas influentes. Com relação ao nome do informativo, na primeira edição se explica o porquê, inclusive o desenho manual que aparece na capa tem relação com a memória dos ancestrais. “Ronqueira era um cepo de madeira e um cano de ferro carregado com pólvora, farinha, papel e barro, uma espécie de rojão artesanal que os nossos antepassados usavam para dar avisos para locais bem distantes”. “A Ronqueira”, além de ser um elemento folkcomunacional, pode ser considerado também um canal contra-hegêmico, que contribuiu para o fortalecimento da ARQMO e das lutas quilombolas. (A Ronqueira – 1ª edição)

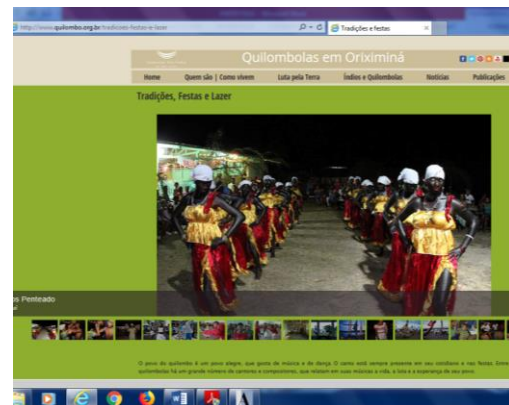
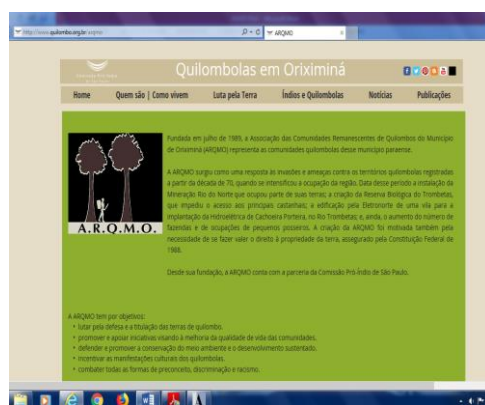


## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

É válido ressaltar como os canais comunicativos das Comunidades Quilombolas foram se atualizando, uma vez que tanto os líderes *folk* quanto os comunitários (audiência) têm acesso a novas tecnologias. Atualmente, a ARQMO mantém um *site*, <[www.quilombola.org.br](http://www.quilombola.org.br)>, onde conta a trajetória dos quilombos de Oriximiná e onde buscar dar visibilidade às suas lutas territoriais e culturais. O *site* foi criado pela ARQMO, com a assessoria da CPI- SP, tanto que alguns textos e artigos são produzidos por membros dessa organização.

A internet, conforme ressalta Peruzzo (2008), impulsiona os processos comunicacionais, e aí se pode incluir os processos folkcomunicaçãois. A comunicação mediada por novas tecnologias, ganha novas possibilidades, novos formatos, novas feições, ganha novas caras e um novo ânimo. Foi o que ocorreu nessas comunidades, a partir do contato com esses novos formatos, se percebeu uma alternativa de comunicação, já que este grupo não tem o mesmo espaço que outros grupos na mídia convencional.

O *site*, assim como o informativo, se tornou a voz da ARQMO, e é um canal usado pelos comunicadores *folk* para divulgar, para sua audiência e para outros públicos, o processo de resistência e luta dessas comunidades. Na seção *Home*, é apresentada a história de fundação da ARQMO, bem como os objetivos da Associação, o Estatuto, a equipe de Coordenação, os contatos, e artigos sobre temas importantes para os encontros sociais e políticos. Já na seção *Quem São/Como Vivem*, se encontra a história dos quilombolas, aspectos do cotidiano, informações sobre os projetos de manejo, cooperativas, e sobre as festas, tradições e lazer.



Fonte: Print Screen do *site* da ARQMO, seções *Home* e *Quem São/Como Vivem*  
<[www.quilombola.org.br/arqmo](http://www.quilombola.org.br/arqmo)>



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Existe ainda a seção *Luta pela Terra*, onde é possível acompanhar os processos de titulação dos territórios, os encontros com relação a exploração mineral e a implantação de hidrelétricas em áreas quilombolas e as seções *Índios* e *Quilombolas*, onde é tratada a aliança com os indígenas da região em defesa dos territórios, *Notícias*, onde se encontra publicações sobre eventos e temas de interesse dos quilombolas e *Publicações*, traz artigos acadêmicos, relatórios e resultado de estudos sobre comunidades de quilombo no país.

Diante do processo folkcomunicação que ocorre nas Comunidades Quilombolas, pode se dizer que o *site* é um canal contra-hegemonico e alternativo de comunicação, mas também é um produto *folkmediático*. Trigueiro (2012) assinala que a Folkmídia é um ramo de estudo recente da Folkcomunicação, que se dedica a compreender as estratégias comunicativas, do massivo ao popular, a partir da apropriação e incorporação das tecnologias de informação.

Nesse mesmo sentido, Luyten (2006, p. 41) aponta que o intercâmbio de elementos da mídia massiva e da cultura popular favorece a comunicação das minorias, tanto que “o que se vê hoje são comunicadores populares incorporando as novas tecnologias de comunicação e recursos técnicos da mídia massiva”.

De um modo geral, os processos folkcomunicaçãois, das Comunidades Quilombolas de Oriximiná, favorecem a perpetuação da cultura local, mas também são espaços que possibilitam a mobilização e a visibilidade da resistência e luta por direitos e cidadania dessas comunidades.

### **3 Considerações Finais**

O presente artigo apresenta considerações primárias a respeito dos processos folkcomunicaçãois que ocorrem nas Comunidades Quilombolas de Oriximiná, Pará. Não era pretensão desse estudo abordar todos os processos folkcomunicaçãois dessas comunidades, ou seja, aqui neste espaço não se trabalha com danças, festas, religiosidade, música, poesia, culinária e outros processos e elementos folkcomunicativos existentes nas localidades.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Nessas comunidades, a comunicação pode ser considerada popular, pois os saberes e manifestações culturais são repassados pelos ancestrais por meio da oralidade. Contudo, os processos comunicativos foram se atualizando, ao ponto de os líderes *folk* dessas comunidades se apropriarem de novas tecnologias para reivindicar seus direitos e propagar suas lutas, é o que Melo (2008) chama de novas estratégias de difusão de simbólica.

Conforme as orientações de Canclini (2004, p. 14), devemos atentar, quando estudamos as manifestações culturais, para “o que está se apresentando – formato, linguagem, conteúdo – pois estará trazendo as necessidades presentes da comunidade que a representa e de seus protagonistas”. Ou seja, os quilombolas continuam a utilizar a Oralidade como um meio eficiente de transmitir sua cultura e luta, mas foi necessário, devido as transformações no processo de comunicativo, que se conhecesse e se apropriasse de novos meios e canais alternativos para tornar sua comunicação mais eficaz e para dar visibilidade aos enfrentamentos sociais e culturais.

## REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros do Trombetas: Guardiões dos matos e rios**. Belém: NAEA/UFPA, 1998.
- ANDRADE, Lúcia M. **Os Quilombos da Bacia do Rio Trombetas**. CPI – SP, São Paulo: 2011.
- ARCHANJO, Elaine Cristina O. F. **Oriximiná Terra de Negros: Trabalho, Cultura e Luta de Quilombolas de Boa Vista (1980-2013)**. Dissertação de Mestrado. Manaus: UFAM. 2015.
- BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo, SP: UESP, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O sistema da Folkcomunicação**. (1980). In: MARQUES DE MELO, José (org.). *Mídia e folclore*. 2001. p. 167-178.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2004.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2012.

CORRÊA, Sílvia da Silva. *“E continuamos a ser escravos na nossa própria terra”* – a reprodução subordinada dos quilombolas do Rio Trombetas ao capital-trabalho e as transformações no território. Dissertação de Mestrado. Porto Velho: UFRO, 2016.

HOHLFELDT, Antonio. **Folkcomunicação: sadio oportunismo de quase meio século**. Anuário UNESCO/UMESP de Comunicação Regional, n.5, p25-34,2002.

LUYTEN, Joseph M. *Folkmídia: uma nova visão de folclore e de folkcomunicação*. In: SCHMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: DUCTOR, 2006.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

NETO, Nirson. **Relatório Antropológico de caracterização histórica, econômica, ambiental e sociocultural do território quilombola Jamari/Último Quilombo**, INCRA. Ecodimensão, Santarém, 2014.

PERUZZO, Cícília Maria Krohling. **Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. Natal: CD-Rom dos Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: Experiências, Falas e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

**TERRAS QUILOMBOLAS EM ORIXIMINÁ: pressões e ameaças**. Comissão Pró-Índio de São Paulo - 1ª Edição, São Paulo, 2011.

TRIGUEIRO, Osvaldo (org.). **Luiz Beltrão: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008. p. 191-208.